

Escolas vão declarar guerra ao machismo

Está lançada a guerra ao machismo nas escolas públicas do Estado do Rio. Certo de que o ensino reforça nas crianças os preconceitos e as discriminações contra as mulheres existentes na sociedade, o Conselho Estadual dos Direitos da Mulher (Cedim) vai promover palestras nas escolas de formação de professores, a partir de fevereiro, para alertar os profissionais de educação para o problema.

O principal alvo dos integrantes da Comissão de Educação do Cedim será o livro didático. Os professores serão orientados, na época do planejamento do ano escolar, a escolher livros que não reproduzam a discriminação. Nas palestras, serão mos-

trados textos e desenhos extraídos de diversos livros escolares do Brasil e de outros países que vinculam as mulheres às atividades domésticas e à posição submissa na família.

A idéia é mostrar aos professores que eles, quase sempre inconscientemente, permitem que a discriminação comece na infância. Nos livros, as meninas são apresentadas como dóceis, amáveis, solícitas e prontas a servir. Raramente vivem situações de aventura e são apresentadas como indecisas, frágeis, choronas e até burras. Os meninos, ao contrário, são mostrados como detentores de inteligência, coragem, iniciativa e determinação.

Primeiras palestras serão na Baixada

O programa de palestras promovidas pelo Cedim começará pelas quatro escolas de formação de professores da Baixada Fluminense, onde o machismo é mais forte e os casos de violência contra a mulher são mais numerosos. Os professores se interessaram tanto pelo assunto que na sexta-feira, a pedido, foi realizada uma palestra preliminar no Instituto de Educação de Caxias. Só no segundo semestre as palestras chegarão ao Rio.

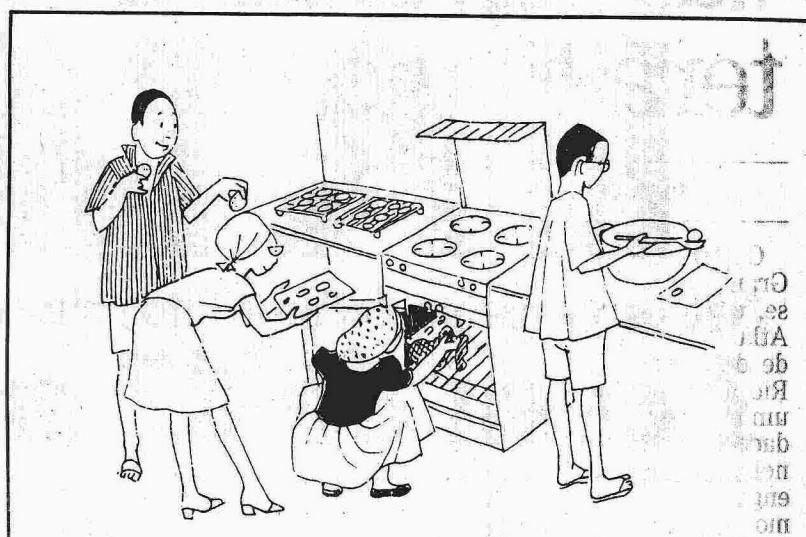
O Cedim acha que hoje os professores reforçam os preconceitos nas salas de aula.

— A discriminação contra as mulheres começa na escola e acaba nas delegacias — afirma Maria Rita Taulois Silva, coordenadora da Comissão de Educação do Cedim.

A presidente do Cedim, Lígia Doutel de Andrade, diz que, num momento em que 44% da força de trabalho no Brasil é de mulheres e 19% das mulheres que trabalham fora são chefes de família, não faz sentido que os livros didáticos continuem retratando a mulher como a pessoa que cuida dos filhos, cozinha e arruma a casa. Ela garante, porém, que já há muitos autores de livros didáticos preocupados com a questão.



No livro lançado pelo Cedim, o lado preconceituoso: pai lê e mãe costura



Contra o machismo, a ilustração mostra meninos e meninas cozinhando

Nos pátios de recreio, o lazer estereotipado

O Conselho Estadual dos Direitos da Mulher está tão preocupado com a questão dos preconceitos na educação que lançou este ano um livro sobre o assunto. Na apresentação de "Mulher — Educação sem preconceito", a socióloga Moema Toscano lembra que "se os esforços pela plena igualdade de direitos entre homens e mulheres não forem acompanhados de uma ação sistemática no campo da educação, corremos o sério risco de voltar à estaca zero".

O livro analisa a educação diferenciada entre os alunos do primeiro grau no jogo, no esporte e na educação física. Moema Toscano lembra que o que se passa nos pátios de recreio das escolas primárias mostra o quanto os estereótipos marcam o comportamento das crianças. Os meninos agitam-se atrás de bolas ou em simulação de lutas, enquanto as meninas brincam de roda, pulam amarelinha ou conversam em grupos. São comportamentos estranhos um menino misturar-se às meninas ou uma menina chutar a bola para devolvê-la aos colegas.

Maria Rita Taulois, coordenadora da Comissão de Educação do Cedim, lembra que as famílias também reproduzem esses conceitos ao estabelecer diferenças dentro de casa. As mães, por exemplo, costumam relevar se os garotos dizem palavrões, mas não admitem que as meninas façam o mesmo. Nas famílias carrentes, se alguma criança precisa deixar os estudos, é sempre a menina a escolhida, porque os pais acham que os garotos têm mais possibilidades de exercer uma profissão.